



ANPUH-BRASIL- 2017 – UnB – Brasília/DF

DE POETA A PATRONO LITERÁRIO: fragmentos da vida de Eliseu Elias César (1871-1923)

Elio Chaves Flores<sup>1</sup>  
Petrônio Domingues<sup>2</sup>  
Solange P. Rocha<sup>3</sup>

Resumo: O artigo procura evidenciar aspectos da trajetória de Eliseu Elias César (1871-1923), um intelectual negro e diaspórico paraibano que viveu em três regiões do Brasil com forte atuação nos pródromos da Primeira República, quando se destacou nas lides jornalísticas, forenses e na vida política. Mas não só. Como outros “homens de letras” de sua época, tinha diferentes “talentos” e desenvolvia diversas atividades como poeta, escritor e orador. Neste artigo, pretendemos analisar seus primeiros escritos – a poesia – de Eliseu E. César, na década de 1890, quando ele ainda vivia na Cidade da Parahyba, a capital do estado da Paraíba. Com essa pesquisa, pretendemos nos contrapor às interpretações históricas hegemônicas, mostrando as complexidades, tensões, lutas e ambiguidades relacionadas ao protagonismo negro no pós-abolição. Palavras-chave: negro, raça, intelectuais, pós-abolição.

### Introdução

Em 1894, na capital do estado da Paraíba, um jovem negro reuniu-se com colegas para lançar o seu livro com poemas românticos. Certamente, estiveram presentes no referido encontro, intelectuais e políticos que viviam os anos iniciais da República brasileira. O “poeta” que publicizava o seu livro *Algas* era Eliseu Elias César, nascido em 1871, na Cidade da Parahyba, uma pequena capital nordestina e que nos anos finais do século XIX tinha um grupo de intelectuais que procurava movimentar o estado, buscando fundar associações intelectuais e clubes literários.

Eliseu Elias César, como era comum no século XIX, publicou um livro de poesias para se projetar como um “homem de letras”. Para prefaciar o seu texto literário escolheu um intelectual, jornalista e político em início de carreira, mas com potencial de assumir cargos importantes na Paraíba. De fato, o prefaciador do livro de Eliseu César, foi Castro Pinto, que em 1894, era formado em Direito pela Faculdade do Recife

---

<sup>1</sup> DH/PPGH/NEABI-UFPB

<sup>2</sup> DH/PROHIS/UFS

<sup>3</sup> DH/PPGH/NEABI-UFPB



(Turma de 1886) e também atuava na vida política da Paraíba republicana, participou como deputado da Assembleia Constituinte da Paraíba (1891/92) e desempenhava funções como jornalista.<sup>4</sup> Alguns anos antes, se destacou na luta abolicionista na Paraíba.

A escolha de Castro Pinto como prefaciador do livro de César nos fornece indícios das redes de amizade e sociabilidade de Eliseu César, filho natural de uma mulher negra (Maria Joaquina de Freitas) e de um homem branco (Dulcídio Augusto César) que, segundo biógrafos, foi criado pelos avós maternos (Vicência Ferreira de Albuquerque César e Christiano de Fojos Correia César) e começou a trabalhar com pouca idade. Primeiro foi tipógrafo e “praticante de correios”.<sup>5</sup> Depois, com os estudos, utilizando de suas capacidades intelectuais e se projetou como poeta, orador, jornalista, professor, administrador público, político e advogado.<sup>6</sup>

A escrita em jornais fez parte da vida de Eliseu César. Ele escreveu em jornais por onde passou, tanto no estado natal, a Paraíba, quanto em locais que residiu, em Pernambuco, no Pará e no Rio de Janeiro. Em janeiro de 1923, quando faleceu, foi reconhecido como “um jornalista notável que desaparece”, visto que ele era um dos editorialista do *Jornal do Brasil*.<sup>7</sup>

Com estes breves dados acerca da trajetória de vida de Eliseu César, podemos observar que, apesar dele ser um homem negro, foi um letrado bem-sucedido e com expressiva atuação na vida política da Primeira República brasileira (1889-1930). Todavia, são recentes as investigações históricas que mostram indivíduos negros emblemáticos e complexos, que desempenharam papéis relevantes na cena histórica republicana, contribuindo, assim, para uma nova visão historiográfica sobre o

---

<sup>4</sup> O prefaciador do livro *Algas* foi João Pereira de Castro Pinto (1863-1944) foi Deputado Federal (1906-1908) e Senador (1908-1912) e Presidente do estado da Paraíba (1912-1915), em Mariz (1987, p. 63-66) e Nóbrega (p. 94-95).

<sup>5</sup> Acerca das primeiras atividades profissionais de Eliseu César, destacamos uma nota de jornal de 1892, no qual ele estava junto de seu pai para receber o primeiro governador republicano da Paraíba, que ficou apenas onze dias no poder, Venâncio Neiva. Consultar o *Jornal O Parahybano* (27/02/1892, p. 3), no qual há referências aos “correligionários” de Venâncio Neiva, entre os quais estavam “Dulcídio César, Eliseu César, administrador e praticante dos correios”. O periódico utilizado para nesta pesquisa está disponível na página <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>. Acesso em: 10 jan. 2017.

<sup>6</sup> Entre os contemporâneos de Eliseu E. César, destacamos os textos de Santos Neto (1910), de Humberto de Campos (1923). Escritos mais recente sobre a trajetória de vida de César, estão os textos de Nóbrega (1955) e Martins (1975).

<sup>7</sup> O obituário de Eliseu César foi publicado no *Jornal do Brasil*, a edição do dia 28/01/1923, cuja notícia esta arquivada na “Biblioteca-arquivo” de Humberto Carneiro da C. Nóbrega, na Biblioteca Central/Universidade Federal da Paraíba.



protagonismo de intelectuais negros, homens que se apropriaram das “artes de dizer” pela escrita. Com essa pesquisa, também pretendemos nos contrapor às interpretações históricas hegemônicas, mostrando as complexidades, tensões, lutas e ambiguidades da época em que viveu o personagem referido, ou seja, a Primeira República, um período de tensões, de racismos; de elites em busca de construir um país “civilizado”, de combate ao que se considerava atraso e implantação do “progresso” (NEVES, 2003; GOMES; DOMINGUES, 2011).

### **O contexto do aprendizado e da juventude (1880-1895)**

Parece que Elizeu Cezar percorreu uma rápida formação letrada entre 1880 e 1895, isto é, dos nove aos vinte e quatro anos. Terá sido caminhada espinhosa e rara para criança e, depois, jovem negro na última década da escravidão no Brasil oitocentista. Mas, de toda sorte, aventamos dois “mundos do trabalho” que moldaram Elizeu Cezar para o mundo das letras: os jornais, impressos nas tipografias da cidade e, os correios, responsáveis pela logística de fazer os jornais chegarem aos leitores.

Nesse mesmo período (1880-1895) jornais e pasquins eram impressos com primeira edição festiva para logo encerrarem suas atividades devido à falta de recursos e choque de realidade de seus editores, jornalistas e tipógrafos. Em torno de cinquenta jornais, folhas e pasquins circularam na Parahyba do Norte nesse tempo de aprendizagem e juventude de Elizeu Cezar, que chegou a publicar poemas em, pelo menos, quatro desses jornais, iniciando-se como bardo, com apenas dezessete anos: *Arauto Parahybano* (1888), *O Cisne* (1889), *O Estado do Parahyba* (1891-1894) e *O Artista* (1895). Apenas num jornal, *O Estado da Parahyba*, o nosso poeta publicou 47 poesias. Os redatores, num arroubo republicano, mudaram o título para *O Estado do Parahyba*. Foi com essa grafia que o jornal recebeu grande parte da produção poética de Elizeu Cezar. Ao que tudo indica até o presente momento da pesquisa, a primeira poesia de Elizeu Cezar foi publicada no *Arauto Parahybano*, no dia 19 de agosto de 1888, portanto, três meses depois do evento abolicionista.

\*\*\*



Podemos nos aproximar de uma poesia “canônica” de Elizeu Cezar para tentar desenquadrar e “desconstruir” o seu emparedamento romântico. Trata-se de “Canto à mocidade”, originalmente publicada no jornal *O Parahybano*, na coluna *Escrínio de Letras*, edição de 11 de agosto de 1892. A poesia é composta por oito estrofes com onze versos cada uma. Portanto, exigiu do autor uma apurada razão poética. A rigor, fotografa um momento de exasperação política e social em torno do regime. A República, provisória, periclitava e o que mais se liam nos jornais eram manifestos militares e políticos civis aderindo às facetas do golpe de Estado. Parece que, nós leitores de Elizeu Cezar, somos a mocidade à qual se dirigia. Já na primeira estrofe aponta-se “Do Brasil o funeral!...”. Vamos para a segunda e terceira estrofes, onde o desencantamento com a jovem República torna-se o insubmisso da palavra:

A miséria! Eis a mortalha  
Que sobre o nosso país!  
Ele que outrora sorria  
Brilhante, alegre e feliz,  
Hoje tristonho, envolvido...  
Bebendo o nosso gemido,  
Ouvindo o nosso carpido,  
Tão cheio de mágoa e dor!...  
Brasileiros! Que desgraça!  
Da pátria o cadáver passa  
Para o sepulcro! Que horror!

E d’entre vós quem não sente  
O pranto no coração?!  
O sangue ferver nas veias  
Repleto de indignação?!  
Quem é que, após os martírios,  
Da febre os tristes delírios,  
Vê seguir por entre círios  
A pátria e não sente dor?  
Ninguém. A nossa’ alma é lira  
Que sobre a pátria suspira  
Dolentes notas de amor...

“Brasileiros! Que desgraça!/ Da pátria o cadáver passa” incita aos que assistem a história que a tomem de vez em suas mãos. Se a alma ainda pode ser lira deve ser, também, porque “o sangue ferve nas veias”. Elizeu Cezar opera verbalmente um sentimento que “desromantiza” a República. Tomemos a quarta estrofe para tentar perceber que, ao sabor da conjuntura, se valida um manifesto poético, na mesma



proporção linguística do que a militarização da política, em curso nos primeiros anos do regime republicano.

Tomemos de nossas armas  
Para uma luta feroz!  
Fogem hostes de inimigos  
Quando ouvirem nossa voz!  
Quando a morte, que esbandalha,  
Por corcel tendo a metralha,  
Pelos campos de batalha  
Fremente voar e audaz  
Veremos que os assassinos  
Fogem todos, pequeninos,  
E que eles não voltam mais!

Na quinta estrofe a intimação “Meus senhores!” aponta logo para as responsabilidades trágicas. “Senhores” que não são mais governantes nem governados: “Gelou a morte nas veias# Todo o sangue do Brasil!...”. Com efeito, o poeta denuncia uma espécie de rebaixamento moral, pois haveria apenas “lama que em todos cai”. Na estrofe seguinte, acontece a visão utopista “junto ao tímido escarcéu!”, para prefaciar o clímax das vontades coletivas, anunciadas nas duas estrofes que fecham a poesia-manifesto:

Muito bem! A mocidade  
Nos pode ainda salvar...  
Em meios as trevas da noite  
Que nos venha ela guiar...  
Que sublime, aureolada,  
D’esta pátria debruçada  
Na funda e sombria cova,  
Faça surgir esplendente,  
Como estrela sorridente,  
A luz, d’uma pátria nova!

Eu, portanto, vos saúdo,  
Oh! soberba mocidade,  
Que atirais vivas e flores  
Às plantas da liberdade!  
Sois como a ilha coberta  
De luz, na plaga deserta  
Do oceano, aonde incerta  
Anda a desgraça a rugir!  
Erguei a frente, marchando  
Para o céu, onde, brilhando,  
Ri-se o astro do porvir!



Trabalhamos na evidência de que cores nacionais da conjuntura política misturam-se, nos versos e estrofes, a partir de um ateliê poético provincial e local. As notícias nos jornais informam que, no dia 11 de agosto de 1892, foi muito concorrida uma sessão literária no Lyceu Paraibano, a fim de se aclamar “o vencedor do momento”, Álvaro Machado. Políticos, estudantes e intelectuais se revezaram nos discursos. Elizeu Cezar teve a palavra e, em vez de orador, curvou-se à poesia e recitou “Brado à mocidade”, pacientemente carpida no decorrer da semana. Não havia maior oposição possível naquela hora, as versões de quem esteve lá ou ouviu depois foi que o poeta havia sido expulso do recinto. Isso foi numa quinta-feira. Colaborador poético do *Estado do Parahyba* não se sabe o que levou Elizeu Cezar a publicar no jornal que mais lhe admoestara nos anos de 1891 e 1892.

\*\*\*

Numa história a contrapelo, precisamos entender esse universo poético, ainda provincial, antes desses eventos que marcaram trajetórias. Uma hipótese forte é defender que o ano de 1891 tornou, efetivamente, Elizeu Cezar um poeta negro que constrangia a sociedade provincial racializada. Ele não elege a questão racial, mas alude à noção de povo. Ora, povo no início da temporalidade “pós-emancipação” é povo negro. Ainda que os ideólogos do novo regime quisessem, a todo custo, negar o passado escravista, na prática a “desracialização” (GOMES; DOMINGUES, 2013, p. 19) sucumbiu aos arquivos e vozes negras.<sup>8</sup>

Em meados do ano poético – de si e para si –, 31 de julho de 1891, Elizeu Cezar elegeria outro fazedor de história, o povo. A expressão tem uma forte conotação revolucionária e republicana. Com seis estrofes e vinte e quatro versos, “O povo”, se afigura celebração ao centenário da Revolução Francesa e ao seu legado para a

---

<sup>8</sup> Esse cinismo desracializante se tornou uma ironia linguística no hino da proclamação da República: “Nós nem cremos que escravos outrora tenha havido em tão nobre país...”. O hino da proclamação da República foi publicado e saudado em matérias no jornal, junto com a publicação, em primeira página, do hino francês, *A Marselhesa*, na língua original. Editorial assinado pelos três proprietários em homenagem à Revolução Francesa também associa a ideia de uma “República desracializada”. Noutro artigo em que assina sozinho, Cavalcanti Mello entrelaça eventos: “14 de julho francês só tem na história um complemento, o 15 de novembro brasileiro”. *Estado da Parahyba*, 14 de julho de 1890. A mudança do nome do jornal para *Estado do Parahyba* ocorreu após a promulgação da constituição republicana, em 1891.



República brasileira. Ainda era tudo encantamento e a poesia “romântica” parecia ser um despertar para as possibilidades históricas. Vejamos a fruição completa dessa vertigem social, o povo:

Anda o povo a rugir, doudo, fremente,  
N’uma explosão de cólera sombria,  
Como se fosse um oceano enorme  
Crispado ao fustigar da ventania...

E à luz do sol ardente que espadana  
Um turbilhão de flamas encarnadas,  
Arqueja para o céu, fulo de raiva,  
O vagalhão das lanças inflamadas.

Troa o canhão a despejar da **hora**  
As convulsões terríficas da morte,  
Tremula uma bandeira cor de sangue,  
Como um troféu de impávida **cohorte**.

Cobriu-se o céu de nuvens denegridas...  
E à treva desse horror, a natureza  
Parece entristecer, enquanto canta  
O clarim da vitória – A Marselhesa

Palpita assim revolta a população  
Como um vulcão de ideias palpitantes;  
Palpita, improvisando esse rugido  
D’um rebenatar de peitos dos gigantes.

Leitor, não pergunteis porque se agita  
O povo – esta sublime majestade –  
Olhai – ele suplanta a tirania,  
E do sangue fabrica a liberdade!

As metáforas são abundantes para antever os turbilhões da história que, trágica, necessita ser decantada pela operação do verso: “oceano enorme”, “flamas encarnadas”, “bandeira cor de sangue”, são como que adornos para o evento que pariu a política moderna, o “clarim da vitória – A Marselhesa”. Essa celebração poética do passado não escraviza Elizeu Cezar num suposto tempo romântico. O arremate do fazer político do povo – de igual monta para a mocidade – interpela o leitor para o protagonismo. Os versos finais, “Leitor, não pergunteis porque se agita”, define o povo como “sublime majestade”, pois o poder dele emana. Ao se dirigir ao leitor do presente o poeta evoca, para o povo, a mais notável evidência histórica das revoluções modernas: “Olhai – ele suplanta a tirania,/ E do sangue fabrica a liberdade!”.



Fabricar a liberdade com sangue não soa estranho à população negra nem às narrativas poéticas de autores negros. Esse “rebotar de peitos dos gigantes” vem sendo, lentamente, emancipado da invisibilidade historiográfica na qual a tradição eurocentrada havia colocado o protagonismo negro. Muita pesquisa já nos permite pensar para “além de senzalas e fábricas” e, também, das “experiências e biografias ausentes” (GOMES; DOMINGUES, 2013, p. 25-43; p. 255-267). Encontramos memórias negras, escritos pungentes e experiências contadas desde os séculos coloniais até o nosso presente, entre litorais, ilhas e sertões (FLORES, 2015, p. 475-511). As oralidades e as escritas são parte da cosmovisão afro-brasileira.<sup>9</sup> De modo que, antes de reunir a sua produção poética em livro, Elizeu Cezar seria reconhecido por outro escritor e poeta do seu círculo literário, José Rodrigues de Carvalho. Na edição de 13 de dezembro a poesia “Gênio”, é oferecida a Elizeu Cezar.

Qu’ importa a maldição? É leda a sorte  
Do vate para quem do berço à morte  
A lira foi o peso de uma cruz.

Qu’ importa a libação do margo fel,  
Se a urze do sofrer se faz laurel  
Na frente em que estampa o gênio, a luz?

Podemos perceber que Rodrigues de Carvalho, embora reconheça a “genialidade” do amigo, não consegue se livrar da linguagem racializada do contexto “pós-emancipação”. Elizeu Cezar teria superado a “maldição de Cam”, é certo, pois do seu “sofrer fez laurel” que se realiza na frente que “estampa o gênio, a luz”. A chave dessa interpretação, sem menosprezar os afetos de Rodrigues de Carvalho pelo poeta negro, permite supor que, como sugere-nos Alfredo Bosi, na passagem do século XIX para o XX, o racismo evolucionista “fez as vezes do mito de Cam racionalizado” (BOSI, 1992, p. 271).

---

<sup>9</sup> No campo literário e intelectual deve-se destacar o recente esforço dos pesquisadores do NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade/UFGM que permitiu essa valiosa coleção: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. 4 Vols. (Vol. 1 – Precursores; Vol. 2 – Consolidação; Vol. 3 – Contemporaneidade; vol. 4 – História, teoria, polêmica). Belo Horizonte: Editora da UFGM, 2011. Outra obra coletiva recentemente publicada: PINTO, Ana Flávia Magalhães; CHALHOUB, Sidney. (Orgs.). *Pensadores Negros – Pensadoras Negras: Brasil – séculos XIX e XX*. Cruz das Almas; Belo Horizonte: Editora UFRB; Fino Traço, 2016. Numa perspectiva de história comparada, ver FLORES, Elio Chaves. *Visões da África, Cultura Histórica e Afro-Brasileiridades (1944-1988)*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016. [E-Book].



Como havíamos observado, nos anos de 1891 e 1894, apesar da intensidade das polêmicas políticas e do jornalismo com cores locais, Elizeu Cezar organizou a sua poesia e publicou o livro *Algas*, em 1894. Sabemos que as poesias são precedidas de um estudo [crítico-literário] “em vez de prólogo”, assinado pelo escritor João Pereira de Castro Pinto, que chegaria a ser governador da Paraíba no novo século. O livro foi editado e impresso na Tipografia, Litografia, Encadernação e Pautação de Jayme Seixas & Cia. O referido estudo compõe nove páginas, que se somam às 146 páginas de poesias. No ano seguinte Elizeu Cezar foi para a cidade do Recife e se matriculou na Faculdade de Direito. Os estudos na área jurídica não o fizeram abandonar os jornais e as lides tipográficas, ganhou a vida assim na capital pernambucana.

Mas cadê o livro *Algas*, de 1894? Ainda não encontramos exemplar físico dessa edição única. Nós passamos por instituições públicas e privadas que guardam os acervos de escritores e intelectuais paraibanos e não foi possível encontrar um único exemplar do livro de Elizeu Cezar.<sup>10</sup>

Precisamos partir de uma hipótese para decifrar esse enigma: a única edição, de poucos exemplares, pode ter desaparecido com o passar dos anos, na lógica da invisibilidade dos autores negros. Um caminho é seguir de perto a diáspora de Elizeu Cezar pelos estados do Norte e, depois, pelo Sul desses nortes. Talvez, nesses itinerários e paragens, Elizeu Cezar tenha deixado algum exemplar para a posteridade, o que permitirá descortinar, com mais propriedade, como ele, quase duas décadas após a morte, em 1923, foi alçado à condição de imortal na Academia Paraibana de Letras, criada em 1941, sendo sua cadeira a de número 14.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wellington. *A velha Paraíba nas páginas de jornais*. João Pessoa: A União, 1999.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. *A Convivência Crítica: ensaios sobre a produção literária da Paraíba*. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1985.

\_\_\_\_\_. *Arrecifes e Lajedos: breve itinerário da poesia na Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

---

<sup>10</sup> Acervos públicos e privados em que a obra não consta: IHGP, APL, Seção de obras raras paraibanas da Biblioteca Central/UFPB, Biblioteca Pública do Estado e Arquivo Privado Maurílio de Almeida/APMA que ficou com parte do acervo particular de Eduardo Martins. Também foram consultadas, mas sem êxito, as bibliotecas da UFPE e da FUNDAJ, na cidade do Recife-PE.



BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico (Org.). *Pequeno Dicionário dos Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século XIX: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand*. João Pessoa: CCHLA-UFPB, 2009.

[http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/Pequeno\\_dic.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/Pequeno_dic.pdf). Acesso em: 20 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. O Conceito de Literatura nos Periódicos e Jornais do Século XIX: um Estudo dos Jornais Paraibanos. In:

<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos.html>. Acesso em: 20 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. (Coord.). *Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no Século XIX*. João Pessoa: CCHLA/UFPB, 2007. Disponível:

[http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/acervo\\_de\\_microfilmes.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/acervo_de_microfilmes.pdf). Acesso em: 20 fev. 2017.

BITTENCOURT, Liberato. *Homens do Brasil*. Em todos os ramos da actividade e do saber, de 1500 aos nossos dias. Rio de Janeiro: Livraria e Papelaria Gomes Pereira Editor, 1914. Volume II PARAHYBA (Parahybanos ilustres).

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAMPOS, Humberto de. *Carvalho e Roseiras: figuras políticas e literárias*. Rio de Janeiro, São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1951[1923].

CASTRO, Oscar de. *Vultos da Paraíba*. Revista da Academia Paraibana de Letras, Ano IV, n.6, 1955.

CURY, Cláudia Engler; MARIANO, Serioja. (Orgs.). *Múltiplas Visões: cultura histórica no Oitocentos*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

FLORES, Elio Chaves. *Entre Ilhas e Sertões: um século, temporalidade vária, protagonismo negro*. In: CURY, Cláudia E.; GALVES, Marcelo C.; FARIA, Regina Helena M. de. (Orgs.). *O Império do Brasil: educação, impressos e confrontos sociopolíticos*. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015, p. 475-511.

\_\_\_\_\_. *Visões da África, Cultura Histórica e Afro-Brasildades (1944-1988)*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016. [E-Book].

GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

LEITE, Ascendino. *O pardo Elyseu Cesar*. *Anuário da Parahyba*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1935, p. 65-69.

MARTINS, Eduardo. *Elyseu Elias Cezar – Nota Biobibliográfica*. João Pessoa: Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, 1975.

MISKOLCI, Richard. *O Desejo da Nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.

MARIZ, Celso. *Memória da Assembleia Legislativa: a: aumentada e atualizada por Deusdedit Leitão*. João Pessoa: A União, 1987

MORAES, Raymundo. *Elyseu Cesar*. *Era Nova*, n. 41, 1923.

NEVES, Margarida de Souza. *Os Cenários da República: o Brasil na virada do século XIX para o século XX*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. Vol. I (O tempo do liberalismo excludente – da proclama da República à revolução de 1930). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 13-44.

NÓBREGA, Apolônio C. da Cunha. *Bacharéis paraibanos de Olinda e Recife. De 1832 a 1960*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 262, jan./mar, 1964, p. 3-240. – Castro Pinto (p. 94-95) e Eliseu César (p. 123-124).



NÓBREGA, Seráfico. Discurso de Posse na Academia Paraibana de Letras. *Revista Academia Paraibana de Letras*. João Pessoa, n. 6, 1955, p. 275-302.

PINTO, Ana Flávia Magalhães; CHALHOUB, Sidney. (Orgs.). *Pensadores Negros – Pensadoras Negras: Brasil – séculos XIX e XX*. Cruz das Almas; Belo Horizonte: Editora UFRB; Fino Traço, 2016.

PINTO, Luiz. *Antologia da Paraíba: séculos XVII, XVIII, XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1951.

PINTO, Sérgio Castro et al. *Coletânea de autores paraibanos* (projeto autor na escola). João Pessoa: Grafset, 1987.

ROCHA, Solange P. Trajetória política de Cardoso Vieira: um homem negro e da elite paraibana (1848-1880). In: PIRES, Antonio Liberac C. S. et al. (Orgs.). *Da escravidão e da liberdade: processos, biografias e experiências da abolição e da pós-emancipação em perspectiva transnacional*. Cruz das Almas; Belo Horizonte: Editora UFRB; Fino Traço, 2016, p. 59-68.

VITORINO, Artur José Renda. Escravismos, proletários e a greve dos compositores tipográficos de 1858 no Rio de Janeiro. *Cadernos AEL*, v.6, nº 10-11, 1999, p. 71-106.

[http://segall.ifch.unicamp.br/site\\_ael/publicacoes/cadernos/cad-10/Artigo-3-p69.pdf](http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/publicacoes/cadernos/cad-10/Artigo-3-p69.pdf).

Acesso em: 20 fev. 2017.